

Cenário político domina atenção dos investidores

Invasões e discussão sobre reformas já preocupam mais do que a macroeconomia

FÁBIO ALVES

Correspondente

NOVA YORK – A conjuntura política brasileira passou a dominar a atenção dos investidores externos no lugar de resultados macroeconômicos, como a consistente queda da inflação, que pautaram a avaliação positiva do País nos primeiros seis meses do governo Lula. Complicações nas negociações das reformas no Congresso e a crescente tensão social, com as invasões dos sem-teto e sem-terra, agravaram mais ainda um ambiente já negativo para os preços dos títulos da dívida, do câmbio e das ações brasileiras.

O impacto do quadro político nos negócios coincidiu com um fato externo negativo: a correção dos títulos do Tesouro americano afetou todos os ativos de países emergentes, especialmente os papéis da dívida brasileira, os mais líquidos do mercado. Para piorar, a operação de troca da dívida do Brasil, feita na semana passada pelo Banco Central, recebeu críticas pesadas dos investidores, que classificaram a transação como um fracasso.

"Há entre os investidores a percepção de que o quadro político está pesando mais do que os indicadores macroeco-

nômicos do Brasil, mas a percepção está sendo alavancada pelo cenário externo desfavorável, que é o de forte correção dos títulos do Tesouro americano nos últimos dias", anota o estrategista-sênior de renda fixa para mercados emergentes da Merrill Lynch, Felipe Illanes.

Além de ficar de olho nos bônus do governo norte-americano, os investidores acompanharam de perto a votação da Lei de Falências no Congresso, prevista para esta semana. "Isso será um indicador, não só da capacidade das lideranças governistas, mas também das chances de o governo votar a reforma da Previdência na semana seguinte", explicou Illanes. Segundo ele, se a Lei das Falências não for votada nesta semana, certamente a pressão sobre os preços dos ativos brasileiros irá aumentar.

O diretor de estratégia para mercados emergentes do Royal Bank of Scotland, Suhas Keckar, acredita que, nos próximos dias, a inflação e os juros não terão grande impacto nos preços dos ativos brasileiros. "O câmbio e a bolsa no Brasil estão sendo mais influenciados pelo barulho político. As notícias fa-

voráveis da economia, como a queda da inflação e a perspectiva de novo corte de juros, não estão compensando o peso negativo do cenário político."

Kekkar declara-se otimista em relação à aprovação das reformas, mas acha que a convergência de várias frentes de tensão tornou o cenário político nebuloso. "O presidente Lula tem agora várias frentes de negociação. Além das reformas, que envolvem negociações com os governadores e outros grupos de pressão, o governo tem de lidar com greves e invasões de sem-terra e sem-teto", disse. "Aqui, em Nova York, os investidores estão falando todos os dias das tensões sociais e do conflito com o MST. Apesar de não ser um tema novo, a confluência com o barulho das reformas amplia o eco dessas tensões", observou o analista.

Outro especialista, o analista sênior da consultoria de risco político internacional Eurasia

Group, Vitali Meschoulam, disse que este final de semana será muito importante. Ele avalia que o governo Lula precisa reparar as relações danificadas com os governadores na reta final das reformas. Meschoulam antevê uma semana complicada para as negociações no Congresso. "Em meio à postura mais dura dos governadores, o cancelamento da viagem do presidente à África e o maior ruído político, será uma semana difícil", prevê.

Já o economista-chefe para América Latina do banco HSBC, Paulo Vieira da Cunha, é mais pessimista em relação à capacidade do governo articular uma votação rápida para a reforma da Previdência. "Mas continuo ainda otimista quanto à aprovação de uma reforma com um texto final de substância razoável", observa. "Agora, se houver um adiamento de mais uma semana, será outra decepção para o mercado."

Apesar de tudo, os investidores ainda estão confiantes

nas reformas e nos fundamentos da economia brasileira. "É lógico que greves, invasões e temores de mudança da postura do governo contribuíram para a deterioração do

MST JÁ
VIROU TEMA
COMUM
EM N. YORK

mercado, mas ainda não há razões para pessimismo", analisa o diretor de pesquisa e estratégia para mercados emergentes do banco ABN Amro, Arturo Porzecanski. "As reformas ainda estão nos trilhos e a condução da política econômica está correta."